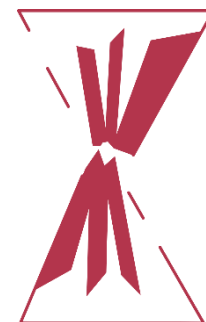


Uma tecnologia para o século XXI: a voz humana e o diálogo sem fronteiras

Technologies for the 21st Century: Human Voice and Borderless Dialogue



SALES, Telma Bessa*

 <https://orcid.org/0000-0001-7064-0028>

SILVA, Maria Sophia Ágata**

 <https://orcid.org/0009-0000-0334-2725>

RESUMO: Essa entrevista com Nuno Filipe França Gouveia Boavida, professor adjunto da Universidade Nova de Lisboa e coordenador do Observatório de Avaliação Tecnológica, apresenta um diálogo que busca trabalhar a interdisciplinaridade no que diz respeito à reflexão sobre as tecnologias no mundo do trabalho, da economia e da educação nos contextos locais, nacionais e global. Utilizou-se a gravação desta entrevista com a metodologia da história oral, e em seguida, para a transformação no Podcast que é uma ferramenta adotada como método de divulgação científica com o título Ecos da Ciência: conectando pesquisadores, educação e sociedade – construído por professoras e estudantes das seguintes instituições: Universidade Estadual Vale do Acaraú, Universidade Federal do Ceará e Universidade Regional do Cariri (UVA, URCA, UFC) a partir da superação dos limites de fronteiras com a internacionalização e o fortalecimento de uma educação democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Democracia; Internacionalização; História oral.

ABSTRACT: This interview with Nuno Filipe França Gouveia Boavida, assistant professor at Universidade Nova de Lisboa and coordinator of the Technology Assessment Observatory, presents a dialogue that explores interdisciplinarity reflections on technologies in the world of work, economics, and education in local, national, and global contexts. The recording of this interview was analyzed using the oral history methodology and subsequently transformed into a podcast, which is a tool adopted as a method of scientific dissemination with the title Ecos da Ciência: conectando pesquisadores, educação e sociedade. It was developed by professors and students from the following institutions: Universidade Estadual Vale do Acaraú, Universidade Federal do Ceará, and Universidade Regional do Cariri (UVA, URCA, UFC) based on overcoming national boundaries through internationalization and strengthening democratic education.

KEYWORDS: Democracy; Internationalization; Oral history.

* Pós-doutora em Patrimônio e Diversidade Cultural pela Universidade de Evora, Evora-Alentejo. Professora Titular da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Email: telma_bessa@uvanet.br

**Graduanda em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE. Email: sophiaagatahist@gmail.com



Considerações Iniciais

O diálogo entre fronteiras é bem-vindo nas análises teóricas bem como na prática profissional do professor Nuno Filipe França Gouveia Boavida. A sua própria formação delineia a abertura do pensar as ciências sociais e a produção do conhecimento com apropriação de conceitos, métodos e reflexão crítica dentro do campo aberto dos saberes interdisciplinares. Trabalhar juntos na perspectiva de uma educação democrática situando as diferentes áreas do saber na perspectiva de resoluções de problemas e avanços do pensamento crítico de cidadãos (ãs) é um desafio permanente.

O diálogo interdisciplinar busca promover interlocuções que reflitam a sociedade atual com debates permanentes sobre as demandas sociais contemporâneas em níveis local, regional, nacional e global. Neste sentido, o tema do trabalho vinculado às novas tecnologias, atualmente pode ser tratado de maneira a incluir a interseccionalidade – os(as) trabalhadores(as), os(as) entregadores(as) de aplicativos, os(as) trabalhadores(as) de *callcenters* etc, sem esquecer uma análise estrutural das desigualdades de gênero, classes e raças que estão imbricadas no contexto de internacionalização. No caso da reflexão adiante, a perspectiva é pensar o impacto do avanço tecnológico e as relações com emprego, sociedade e desafios da contemporaneidade.

Assim, as questões de que tratam esse texto são inesgotáveis. Palavras como robótica, inteligência artificial, nanotecnologia, produção 3D, mídias digitais, redes sociais e *podcasts* – enfim, todo o aparato tecnológico que nos cerca na vida cotidiana fazem-se presentes no entretenimento, na área da saúde, na economia, na educação e no mundo do trabalho.

A própria elaboração desse texto que está em suas mãos, se situa numa rede de diálogos entre diversos estudiosos de diferentes temáticas e, sua natureza articula uma proposta transmídia na “era da comunicação”. O encontro presencial da entrevista para o diálogo é mediado pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs), pois além do texto que segue – a transcrição de uma entrevista realizada em Lisboa Portugal, em fevereiro de 2025–, o (a) leitor(a) poderá acessá-la nas plataformas digitais.

Sim caro(a) leitor(a), você poderá ver a performance dos diálogos por meio de uma tela e através dela ver os registros em áudio e vídeo, com as narrativas em rede e as trocas de

olhares, os silêncios, as risadas, as memórias e os desejos. Seja por vídeo, áudio, fotografia ou texto esse trabalho coletivo partilha conhecimento além-fronteiras e hoje, por meio da internet é colocado de maneira bem acessível. Para a sua divulgação por como conhecimento científico serão utilizadas listas de e-mails; comunidades do *Instagram*; páginas do *Facebook*; grupos de *WhatsApp* nos seus dados móveis, no *podcast Spotify for Podcasters*, softwares de uso gratuito; além de sites e páginas institucionais das universidades citadas no Projeto (UVA, URCA, UFC). Amparada em Ricardo Santhiago (2025), localizamos essas produções na defesa de uma História Oral que respeita e compreende o outro. Para além de uma narrativa rápida, ela registra o sensível da interação entre o entrevistado e o entrevistador, as ideias que se formam nesse contato e as possibilidades de ver um recorte do mundo no ato da escuta do outro. enquanto que, por um lado, a articulação da metodologia do registro na História Oral foge da pretensão de criar uma verdade absoluta, por outro lado, destaca a narrativa do entrevistado como um elemento que se constrói de passado e presente.

Nesse contexto, o olhar deste(a) artigo/entrevista se volta para as relações sociais e de trabalho frente ao avanço das novas tecnologias informacionais. Várias áreas do conhecimento vêm desenvolvendo pesquisas sobre as relações sociais e as novas tecnologias, principalmente após a pandemia da COVID-19¹. Atravessando diversos campos do conhecimento como Ciências Sociais, Arquitetura, Psicologia, História, Geografia, Economia, jornalismo, vivemos cada vez mais sob a influência de redes tecnológicas digitais e buscamos uma compreensão dessas inovações, assim como dos impactos em um “novo jeito” de trabalhar, estudar, pensar, relacionar-se etc., tão propagado durante e depois da pandemia – um discurso do “novo normal”.

Estamos em 2026 e, de fato, de forma simultânea, somos conscientes de muitas pesquisas sobre o operariado; o mercado de trabalho; o movimento operário; a organização de trabalhadores(as) rurais, os(as) trabalhadores(as) entregadores(as) de aplicativo etc.² Vivenciamos nesses processos históricos a desregulamentação das leis trabalhistas, a

¹ Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e que incidiu em mais de 200 países. No Brasil, a pandemia expôs e agravou as contradições de nosso sistema educacional e tem aprofundado as desigualdades no país. <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 01 mai. 2025

² Para maior aprofundamento sobre a transformação da sociedade industrial para a sociedade informacional e os seus impactos nas relações de trabalho, veja em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/869-cesar-sanson-2>. Acesso em: 10 mai. 2026

precarização do trabalho, assim como mudanças nas condições de vida e mobilizações destes importantes segmentos da sociedade.

Podemos indagar, como imaginamos o futuro numa sociedade que se transforma numa velocidade máxima e para onde aponta esse avassalador impacto das máquinas e tecnologias? São tantos aparatos, computadores, plataformas e o mais importante: há, no meio de tudo isso, pessoas que brilham, que se dedicam e acreditam na educação democrática. É um grupo composto pelos que não desistem da luta por uma sociedade equânime, em que todos tenham acesso aos bens materiais e que homens e mulheres se sintam realizados e felizes.

Nesse contexto, coloca-se como um desafio a necessidade de se conhecer e aprofundar pesquisas que incorporam aspectos e usos das tecnologias. Nesse ínterim, há pesquisadores que se interessam e fazem uma imersão com o uso computacional nos estudos das Humanidades com os pés na realidade social durante toda a trajetória acadêmica à medida que surgem novos termos e conceitos impulsionando uma prática interdisciplinar considerando, inclusive, as humanidades digitais³. A utilização das tecnologias implica alterações no modo de desenvolver pesquisa, temos visto como o artefato ou a aparelhagem computacional muda também a forma de investigação das Ciências Humanas. Com uma perspectiva local, enraizada na realidade conjuntural é possível apresentar análises relacionais com dimensão regional, nacional e global com seriedade no processo de pesquisa frente à necessidade das autorizações especiais de caráter ético e legal.

Para aprofundar no tema, apresentamos o diálogo com o prof. Nuno Boavida para que possamos conhecer a sua trajetória. Ele graduou-se em Engenharia de Produção Industrial na Universidade Nova de Lisboa e realizou mestrado na *London School of Economics* em relações industriais. Na verdade, como ele mesmo se auto afirma: “fiz um doutoramento em Avaliação de Tecnologia e nesse percurso híbrido, sou um engenheiro e um sociólogo ao mesmo tempo”. Considerando o seu pensamento e sua prática profissional/acadêmica, além de ser

³ E a cada dia surgem novos termos e conceitos, impulsionando uma prática interdisciplinar considerando inclusive, as humanidades digitais, articulação do conceito e seus usos indicamos a leitura dos artigos, BURDICK, Anne; DRUCKER, Johanna; LUNENFELD, Peter; PRESNER, Todd; SCHNAPP, Jeffrey; JUNGK, Isabel. Um breve guia para as Humanidades Digitais. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, [S. l.], n. 21, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/51727>. Acesso em: 10 mai. 2026; e JUNGK, Isabel. A aliança entre humanidades e tecnologias computacionais e a ressignificação de conhecimento. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, [S. l.], n. 21, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/51725>. Acesso em: 12 mai. 2026.

uma pessoa amável e acessível, vale a pena conhecer a narrativa oral de Nuno Boavida. Apresentam-se, a seguir, as principais questões que nortearam o nosso diálogo:

Entrevista

Telma Bessa: Nós estamos aqui, com um grande pesquisador, o professor Nuno Boavida, que gentilmente nos cedeu a sua casa e os equipamentos tecnológicos para a nossa entrevista. Vamos dialogar com ele: eu (profa. da UEVA), a profa. Josefa Nunes (URCA) e a profa. Dina Dantas, doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. O professor desenvolve vários projetos como o INTELIARTE⁴, núcleo de pesquisa que aborda a relação da inteligência artificial com a da empregabilidade em Portugal. A primeira questão seria: quem é o professor Nuno Boavida?

Nuno Boavida: A ideia de que é um percurso um bocadinho híbrido, na medida em que eu sou um engenheiro e um sociólogo ao mesmo tempo condensa-se nessas palavras-chave que utilizo. É olhar para essas tecnologias todas, umas mais antigas, outras mais recentes e tentar perceber de que modo é que afeta os seres humanos, os grupos de seres humanos e também de que forma é que determinados grupos também podem afetar o desenvolvimento de uma tecnologia ou até proibi-la, como foi o caso da clonagem, por exemplo, da clonagem de seres humanos. Noutros casos, como a inteligência artificial também referenciou, estamos num processo de tentar, de alguma forma, criar regras para garantir o bem-estar dos seres vivos no planeta, porque não é seguro o que possa acontecer com liberação, se puder usar a palavra, da inteligência artificial sem controlos e barreiras muito fixas. Portanto, torna-se necessário nessa tecnologia emergente como a inteligência artificial garantir que não tenha efeitos pretensiosos e perversos sobre o planeta e também sobre determinado tipo de grupos mais desfavorecidos ou discriminados como as mulheres, pessoas de cor ou determinadas orientações sexuais. Enfim, por aí adiante, podemos falar com mais detalhe sobre os processos de discriminação que a inteligência artificial pode induzir na sociedade.

⁴ Projeto que tem como objetivo estudar a entrada da IA e seus efeitos nos ambientes de trabalho, vinculado à Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa. Para mais informações, acessar: <https://sites.fct.unl.pt/inteliart/node/16067>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Josefa Nunes: Professor, você tem um olhar de pesquisa que é democrático e progressista. E aí eu fiquei me perguntando: de onde vem a sua motivação para essa temática específica e para essa abordagem?

Nuno Boavida: Sim, eu percebo a classificação que fiz da minha abordagem, dado a situação atual de surgimento da extrema-direita nas democracias que existem, em algumas democracias à volta do planeta. E, portanto, fazer essa referência como se a minha abordagem fosse particularmente progressista não faz sentido nesse contexto. No contexto normal de desenvolvimento da civilização, não. É uma abordagem normal, claro, depende de um contexto, obviamente, mas é uma abordagem que tem uma perspectiva histórica de defesa dos direitos humanos, defesa dos direitos das minorias, a garantia da pluralidade democrática nos Estados, etc. É verdade que atravessamos aqui um período um bocadinho conturbado, mas estou a crer que dentro de pouco tempo voltaremos a um caminho normal no mundo, no planeta, de prosperidade e de paz. É claro que olhar para o efeito que a tecnologia tem, para mim, na minha perspectiva pessoal, implica também olhar para os seres humanos, porque a tecnologia não só é desenvolvida por seres humanos, como os próprios artefatos que são criados pelos seres humanos, também são influenciados por aquilo que está na cabeça das pessoas e aquilo que são as referências e as preocupações de cada inventor ou de cada pesquisador que está a desenvolver a tecnologia. Se ele tiver um olhar autocrático, naturalmente que a implementação de tecnologias que discriminem grupos ou minorias provavelmente não vai ser o primeiro fator que terá em conta ao desenvolver essa tecnologia. Portanto, há que olhar para os dois lados e perceber que as duas coisas se influenciam uma à outra e de que a tecnologia em si não é neutra. Depende de quem a desenha, de quem a cria, quem implementa; a tecnologia pode virar-se contra nós, se não termos cuidado.

Josefa Nunes: Também gostaríamos de saber como você definiria, a partir da sua perspectiva do trabalho, o que seria a inteligência artificial? Há um neurocientista brasileiro que se chama Miguel Nicolelis⁵ e ele tem uma frase que diz: a inteligência artificial não é inteligente e nem é artificial.

⁵ Nicolelis, importante neurocientista brasileiro que se dedica a estudar as conexões cérebro-máquina, para mais detalhes sobre sua trajetória, acessar: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-homem-das-multiplas-conexoes/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

Nuno Boavida: Bem, essa é uma pergunta difícil. Especialmente visto nesse contexto mais filosófico. Eu penso que não é propriamente fácil de definir. Aliás, a literatura mostra isso, quer dizer, parece que cada área do saber tem definições diferentes e depende do ângulo, da perspectiva com que as pessoas estão a olhar para o problema. Eu definiria a inteligência artificial como um conjunto de algoritmos que, de alguma forma, nos ajudam a tomar decisões. Portanto, é o quadro de referência mental de cada um que toma as decisões. O que está em causa, não é só aquilo que os algoritmos foram desenhados para fazer. É quase como essa simbiose onde o humano e o não humano se fundem e produzem uma decisão que pode ter impacto e impactar milhares, bilhões de cidadãos. É isso, é um conjunto, um sistema de apoio à tomada de decisão que depende muito de quem toma essa decisão.

Telma Bessa: Na esteira dessa reflexão, o senhor escreveu um artigo na revista DECO PROtest, em que afirma sobre essa polémica mundial, que discute como podemos criar uma sociedade com menos trabalho, criar uma identidade da sociedade menos baseada no trabalho.⁶ E o senhor dá um exemplo dessa transformação no mundo contábil, no bancário e também no trabalho dos advogados e diz que não é só trabalho repetitivo e que a máquina também é criativa. Então eu gostaria que contasse para nós como é sua visão dessa máquina criativa. Como é que essa inteligência artificial adentra a esse mundo do trabalho mesmo?

Nuno Boavida: A sua popularização pelas massas do planeta traz-nos agora a possibilidade de pedirmos à inteligência artificial que ela própria seja criativa entre dois elementos que antes estavam relegados para o humano, isto é, o humano pensaria que tomaria só decisões éticas, ou decisões de coordenação ou decisões mais criativas. O que nós temos vindo a assistir é que agora a máquina consegue tomá-las também. E isso remete-nos para uma posição que ainda não é muito clara sobre então qual é o nosso papel: se a máquina já consegue fazer aquilo que nós considerávamos que era único para os seres humanos, então o que é que nós vamos fazer na vida? Emprego, haverá trabalho para nós? E este conjunto de interrogações leva-me um pouco a essas considerações sobre o papel e a identidade das pessoas que o trabalho tem hoje em dia.

⁶ Para ler o artigo citado acesse: <https://www.deco.proteste.pt/dinheiro/emprego/entrevista/nuno-boavida-temos-criar-identidade-menos-baseada-trabalho>. Acesso em: 29 jul. 2025

O que nós sabemos, muito rapidamente, sobre o papel ou a construção da identidade do pré-revolução industrial era muito baseada naquilo que existia à altura, que era, enfim, as três classes – as classes dominantes, de nobreza; as do clérigo e as classes do povo –, era à volta desse caminho que os indivíduos construíam uma identidade. Uns, porque eram servos, porque eram escravos; outros porque eram senhores; outros porque tinham uma relação com o sagrado e com Deus. Enfim, era uma identidade criada na intersecção destas três classes sociais. Com a chegada da relação industrial surge uma reorientação das sociedades para um capitalismo industrial que permite a massas de seres humanos saírem do trabalho agrário para o trabalho industrial e com isso construírem a sua identidade, ou pelo menos, que isso fosse uma parte da sua identidade e remeter-se para as outras considerações de menor importância.

O que nós temos vindo a assistir nestes últimos 150 anos é que o trabalho se tornou cada vez mais essencial na construção da nossa identidade. É difícil olhar para nós e não nos colocarmos imediatamente numa classe profissional, trabalhadora, não trabalhadora, classe capitalista ou não capitalista. Isto é, o processo de industrialização tornou-se tão central na vida do ser humano que é difícil retirar o trabalho e olharmos para nós e dizer, o que é que sobra o? Que pessoa sou eu? Quando não tenho que trabalhar? O que eu sugiro aí, como realçou de uma forma talvez até controversa, é que com o crescimento da importância da máquina nas sociedades desenvolvidas e o crescimento da importância da inteligência artificial na produção industrial, há menos espaço para o humano e, portanto, faz sentido que o humano vá começando a dedicar-se às atividades menos produtivas, no sentido capitalista, se debruçar sobre o tipo de habilidades que lhe podem dar razão e sentido para a sua existência enquanto ser humano.

Essa identidade pode ser criada de outra forma. Nós é que só conhecemos uma, que é aquela da sociedade capitalista e na produção industrial, nessa cadeia, como é que nós nos posicionamos. Nem sempre foi assim. Como também vai ter de ser diferente no futuro, porque a importância da máquina cresceu e não é claro o que é que vai sobrar para os seres humanos. Não sei se consegui abordar com profundidade suficiente a sua pergunta, mas o que eu acho é que o reequacionar da construção da identidade será bom para nós, para os nossos filhos e para aqueles a quem ensinamos para as gerações mais novas.

Acho que é bom desenvolvermos esse outro lado de nós, que é dedicado ao apoio a terceiros, por exemplo, cuidar de pessoas mais velhas, de pessoas mais novas. Dedicarmos

aos nossos *hobbies* ou aquilo que nos dá prazer e que com isso se possa construir uma sociedade melhor, uma sociedade mais livre, menos escravizada pelo trabalho e mais orientada para a liberdade, à consideração para com os terceiros, à proteção do ser humano e dos seus direitos e por aí adiante. Mas isso é um debate que eu espero que sonhe a desenvolver nos próximos anos.

Josefa Nunes: Essa perspectiva é assemelhada a do filósofo Michel Serres na Filosofia da Educação. Ele tem uma obra, que se chama *A Polegarzinha*, onde diz que a gente está vivendo uma travessia para o digital, um novo tempo da história humana.⁷ Ele chama esse novo tempo de uma transformação onisciente; porque ele diz que a gente produziu uma rachadura, hoje, que se abre no tempo e nos grupos, tão larga e evidente que são comparáveis àquelas do Neolítico, do início da era cristã ou do Renascimento. porque revolucionam não apenas as técnicas, mas metamorfoseiam o corpo e mudam a percepção do nascimento, da morte, do sofrimento, da cura, das profissões, dos espaços, dos hábitos. enfim, todo o ser no mundo.

E quando o autor (Serres) fala desse advento, ele diz que as crianças hoje, elas habitam um mundo virtual, um mundo que não ativa os neurônios que os livros ativavam; que os cadernos ativavam, os quadros costumam ativar. Então ele diz que elas não têm a mesma cabeça e nem habitam mais o mesmo espaço que nós. Ele conclui que nasceu ou está nascendo um novo ser humano, um novo indivíduo; que no livro, ele chama de polegarzinha ou polegarzinho. Ele até faz uma metáfora com o Saint Denis⁸, porque ele diz que, ele não utiliza o termo geração, mas eu vou utilizar, essa nova geração tem a cabeça nas mãos, e aí ele diz que a nossa inteligência saiu da cabeça e foi lançada na nossa frente, que é o computador, uma memória muito mais poderosa, imaginação e raciocínio muito mais equipados, afirmando que a imprensa trouxe uma economia de tempo para o ser humano que não precisa mais guardar o conteúdo do livro na cabeça, mas guarda na estante.

E hoje, o surgimento da tecnologia trouxe mais uma economia de tempo, mais radical, porque não precisamos mais nem lembrar do lugar do livro. Basta pedir ao buscador online e ele faz essa tarefa para gente. Assim como você, o Michel Serres também é otimista com o advento da tecnologia. E assim, como você, ele sinaliza também para essa questão da essência

⁷ SERRES, Michel. *A polegarzinha*: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

⁸ Para conhecer a história do padroeiro da França acesse: <https://parissempreparis.com/saint-denis-a-fascinante-historia-do-bispo-que-perdeu-a-cabeca-e-se-tornou-padroeiro-da-franca/>. Acesso em: 28 jul. 2025

do ser humano, que vai poder fluir muito mais, que o pensamento é distinto do saber, e quando há um afastamento desse saber, pensando e inventando muito mais, imagina que nós nos tornaremos seres humanos mais criativos a partir desse novo tempo que teremos. Isso é uma perspectiva mais filosófica.

Na área da Sociologia, nós poderíamos pensar em Robert Castells⁹, que afirma ser o processo de exclusão uma característica intrínseca do capitalismo. Na fase em que a gente vive hoje, o capitalismo produz o que ele chama das franjas do tecido social, que são os inimpregáveis. Logo, são duas perspectivas diferentes da tecnologia. Uma mais filosófica, mais otimista, que precisamos de fato nos ater. Outra mais sociológica, que eu não diria que é negativa, mas que nós precisamos nos preocupar, que é o que você chama atenção para isso o tempo todo na sua produção. Nesse contexto, eu faço uma pergunta: Se você acredita que nesse cenário político em que vivemos atualmente, como dito no início, com a ascensão da extrema direita em vários lugares do mundo, você vislumbra que seja possível uma regulação da tecnologia, que possa impedir aquilo que você vem chamando de fenômenos de desagregação?

Nuno Boavida: Muito obrigado pela sua pergunta, ela é muito interessante! Não tenho propriamente uma resposta muito fácil para lhe dar, mas eu diria que é importante. Vamos começar pelas crianças. É importante, de facto, transmitir às crianças a ideia de que os próprios conteúdos que temos nas redes, não é absoluto e é cada vez mais contestado e, por vezes, até falsificado propositadamente. Por um lado, o desenvolvimento da tecnologia e, por outro, qual é o impacto que teve nos modelos de capitalismo ocidentais? O que nós vimos foi uma ascensão de técnicos, de profissionais tecnológicos na sociedade como não havia na história. De facto, as próprias empresas de petróleo foram ultrapassadas por gigantes tecnológicos, muitas vezes ou quase sempre liderados por técnicos com uma visão técnico-otimista, necessariamente, do desenvolvimento da tecnologia e com tendência para ignorar os efeitos negativos que ela pode causar nas sociedades humanas.

A gênese do projeto INTELIARTE tinha esta ideia. Pode acontecer que alguém escreva um algoritmo que, numa questão de semanas ou meses, gere milhões de desempregados à

⁹ CASTELLS, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998.

volta do mundo, por exemplo, nos serviços. O *ChatGPT* lança milhões de pessoas para, pelo menos, uma situação indefinida (uma possível destruição do trabalho), e temos que reagir a isso, é mais um desafio que nós temos que enfrentar. Não temos que ser melodramáticos. É uma questão de nos sentarmos à mesa, usar o raciocínio e a boa-fé para chegarmos a um acordo e impormos limites. Também impormos limites a este tecnocapitalismo que gerou uma acumulação de riqueza em mãos de poucas pessoas sem precedentes, mesmo que voltemos atrás à produção do petróleo nos Estados Unidos, que criou aqueles magnatas do petróleo no início do século XX, a desproporção da desigualdade social que existia, em termos de distribuição da riqueza, não é comparável com o que se vê hoje.

Há meia dúzia, uma dúzia de indivíduos à volta do planeta que controlam riquezas que são maiores do que o produto interno bruto (PIB) de países desenvolvidos; o da OCDE, quer dizer, bem acima de Portugal ou da Espanha. Estas coisas têm que ser reguladas sobre pena de cairmos no que está a acontecer agora, que é alguns destes indivíduos conseguirem influenciar o poder político e estar muito próximo das decisões do poder político; em sociedades críticas nestes assuntos, como é a norte-americana. Estou a falar especificamente do dono da Tesla, da SpaceX e da X; do Elon Musk e sua capacidade de influenciar a decisão de Donald Trump enquanto presidente. Enfim, uma pessoa de extrema direita que foi eleita pelos Estados Unidos da América, tem efeitos em todo o planeta, extravasa bem as fronteiras dos Estados Unidos e vai diretinho na nossa vida do dia-a-dia.

Não só, estou-me a lembrar agora das tarifas que é a discussão atual, mas de outras e a capacidade que ele tem de dominar e influenciar milhões de pessoas em volta do planeta. No caso da Roménia, penso que seria dimensionar, outra vez a questão, porque é talvez a primeira vez onde, de uma forma inequívoca, se consegue fazer uma eleição e se chegar à conclusão de que houve uma manipulação por uma eleição livre de um Estado Democrático. Isto é, quando a magistratura da Roménia anula as eleições e afirma, com a vontade suficiente, que estas eleições projetaram um indivíduo que ninguém conhecia, cerca de uma franja marginal do eleitorado de 2% para ganhar as eleições, identifica-se que houve um Estado, portanto não foi um indivíduo, mas que houve um Estado que manipulou as eleições e, portanto, elas têm de ser anuladas.

Podíamos falar da influência nas eleições britânicas dos Estados Unidos, de várias outras eleições, mas tão inequívoca como na Roménia eu acho que ainda não tinha havido. Há suspeitas de que poderá ter havido manipulações noutros países, o que é facto e o que

penso que demonstra, uma vez que no caso da Roménia, especificamente, estamos a falar da rede social *Tiktok* e da capacidade de mobilização de uma faixa etária jovem para se mobilizar em torno de um indivíduo totalmente desconhecido e, portanto, influenciar dessa forma as eleições manipulando um sistema sociotécnico como o *Tiktok*. Eu acho que isso deveria nos fazer pensar não só sobre o que aconteceu nas outras eleições passadas, mas essencialmente sobre como é que nós podemos proteger as nossas democracias e como é que nós, cidadãos, temos que ter uma voz ativa, não só na nossa vida do dia a dia, mas também na internet e a responsabilidade que cada um de nós tem de reafirmar as conquistas das democracias e da civilização. Eu não sei se consegui abordar toda a sua questão, porque era um pouco complexa.

Telma Bessa: Então, professor, se me permite, essa temática considera exatamente o processo histórico desde a máquina a vapor, desde a primeira Revolução Industrial. Temos estudado muito como isso afeta a dinâmica do mundo do trabalho e, inclusive, há vários autores que falam de uma quarta Revolução Industrial. No programa da RTP¹⁰, o professor Elísio Stank, que também é sociólogo, falava exatamente para o protagonismo das pessoas, das organizações sociais, porque a tecnologia é comandada pelos que lutam e as organizações, na dinâmica das relações. Nesse sentido, como é que a gente pode perceber essa quarta Revolução Industrial e, ao mesmo tempo, esses sobrantes, esses excluídos, esses migrantes? A mobilidade social no planeta também é algo muito novo nesse volume e nessa velocidade. Como é que nós podemos perceber todos esses elementos? Porque é uma marcha no campo social, no campo político e no campo cultural, porque nós também temos discursos do novo homem, da nova mulher, da partilha, do ser societário. Como é que nós podemos evidenciar isso nessa correlação de forças da sociedade de hoje?

Nuno Boavida: Bem, eu acho que esse papel cívico e cívico digital também é crucial, porque estamos a enfrentar forças bastante maiores do que aquelas e é preciso que elas se afirmem e reafirmem os seus valores democráticos e dos direitos humanos; sempre que necessário,

¹⁰ Canal de TV e Rádio Português que debate temas relevantes na atualidade com especialistas e convidados, disponível também no formato de *podcast*. Para saber mais, acesse: <https://www.rtp.pt/play/p8071/e827704/e-ou-nao-e-o-grande-debate>. Acesso em: 28 jul. 2025.

porque nós estamos a enfrentar questões de várias naturezas. Em primeiro lugar, de facto, há uma outra problemática para além dessa do desenvolvimento do mundo digital, mas que se associa aqui a questão da problemática do clima e da necessidade de uma transição verde para uma forma de viver num planeta que seja mais sustentável e menos baseada na produção crescente e consumista que nós assistimos hoje em dia. E essa necessidade de repensar o clima e o impacto que cada um de nós tem no clima é importante não só pelas novas gerações, mas pelas nossas, porque uma parte destas problemáticas das migrações tem a ver com os países de origem estarem já muito desgastados e não oferecerem uma vida ou um clima conducente à vida para muitos destes indivíduos.

Não é por acaso que muitos deles vêm, claro, de zonas de guerra, mas também de zonas onde há uma crise de décadas, de falta de água. Há uma desflorestação crescente e há uma conexão até na literatura científica direta, entre o devastar do nosso meio, o devastado do nosso bioma, se quiser utilizar a palavra, e a necessidade de migrar para outros locais. Portanto, voltamos, outra vez, à problemática da redistribuição da riqueza, não só pelo meio dos intercapitalistas, mas também pelo norte-sul ou a redistribuição da riqueza dentro de cada uma das sociedades. Vemos, por exemplo, aqui, só para dar o exemplo português, uma relação que não existe, factualmente, entre os migrantes e o crime em Portugal. Não há relação nenhuma, aliás, pelo contrário, o crime está cada vez menor em Portugal e os migrantes estão aumentando, mas a extrema-direita usa a linguagem do dia adia e introduz na agenda política e no debate político a questão da migração.

E sempre pela negativa, nunca pela positiva, pois há necessidade na nossa economia dos migrantes, há um aproveitamento sistemático em cada uma das sociedades em torno do fenómeno das migrações, em torno do fenómeno da ameaça climática e isso tem de ser, de alguma forma, desmentido. O nosso papel, não só como professores ou investigadores, mas também como cidadãos, é chamarmos os factos e chamarmos as pessoas à razão e desmentir estas ideias que colocam na cabeça das pessoas e que se transmite de uma forma quase viral, de umas pessoas para as outras. Nós temos que perceber que, enquanto grupos de primatas, nós temos que estar calmos para poder raciocinar. É esse, enfim, apelo à racionalidade, é essa reinvenção do século da luz que eu acho que se impõe nesta sociedade da informação, nesta sociedade do conhecimento. Podermos limpar daquele que é o conhecimento coletivo todas as inverdades, todas as incertezas, todas as falsidades que foram colocadas na internet e tentarmos relacionar com dados de uma forma objetiva. Assim, qual é o melhor caminho para

nós enquanto indivíduos e enquanto coletividade? Qual é o melhor caminho para nós e para a nossa vida? Acho que isto é imperioso.

Não se pode continuar a deixar desenvolver-se a internet sem pôr um ponto de limpeza mental sobre as notícias que circulam, caso contrário, vivemos numa permanente forma de pensar que nunca sabemos muito bem o que é que é realmente realidade ou o que é deturpação, propositada ou não, dessa realidade. Nós temos que saber reger isso. Temos que saber fixar-nos em fontes de referência. Agir como aqueles que são jornalistas pagos 24 horas para limparem a informação que é falsa e demonstrarem no debate político e no debate público: qual é aquela informação, com a qual delas podemos raciocinar?

O início é difícil, mas já se tem vindo a assistir boas campanhas de limpeza de informação, por exemplo, como essa que eu citei da migração em Portugal e da “tontice” que é associar isso ao crime, mas que muitos líderes políticos pegaram nela, até o primeiro-ministro pegou nela, erroneamente, e depois teve que voltar atrás, que é ver o crime a cair em Portugal e a desaparecer, e os imigrantes a aumentarem. Isto é óbvio, tem de ser o ponto de partida para qualquer discussão. Caso contrário estamos sempre, assim, manipulados por qualquer pessoa, por qualquer ideia que nos chega às mãos, por via digital, pelo telemóvel, computador, enfim. Pode ser uma diversão constante, mas é também uma espécie de deturpação mental de tudo o que é vida do dia a dia.

Nós temos que viver de uma forma criteriosa e com engenho mental e isso temos que passar também às nossas crianças, gerações seguintes, que é a ideia de que só interessa aquilo que é dito pelos jornalistas, profissionais de referência, relativamente, a qualquer das matérias. Nós não temos todo o tempo para ver o que acontece em cada uma das partes segmentadas do debate público. É impossível, ninguém tem tempo para isso. A sociedade é muito mais sofisticada e, portanto, utilizamos os jornalistas como intermediários para uma informação higiênica, se me deixarem utilizar a palavra.

Dina Mara: Um dos assuntos que causa preocupação são as novas diretrizes da Meta, empresa que comanda várias redes sociais e está no debate sobre veiculação de *fake news*. O governo brasileiro tem lutado bastante contra elas, para fortalecer a democracia. O que você pensa sobre isso?

Nuno Boavida: Pois é muito bom saber que o Brasil, lá à sua dimensão, tem um efeito positivo sobre chamar a Meta, enfim, e dizer – como é que vocês vão controlar esse lixo informativo que surge nas vossas redes sociais? Porque isso é um crime, torna-se um crime, os efeitos diretos e indiretos, enfim, a informação falsa, são demasiados para nós podermos ignorar, portanto, eles devem ser responsabilizados. Portanto, quanto a mim, acho que esse passo da Meta é um pouco um tiro no pé, no sentido em que descredibiliza qualquer boa vontade que essa empresa possa ter em relação à limpeza da informação que corre na internet.

Telma Bessa: Agradecemos ao professor Nuno Boavida, o tempo dedicado, e as suas excelentes reflexões.

Considerações Finais

Por fim, considerando que as transformações das tecnologias digitais atingem diretamente o modo de trabalho de diversas áreas no século XIX, podemos pensar que a produção de História Oral, pautada na discussão sem fronteiras, na conexão de pessoas e divulgação da ciência é um dos caminhos possíveis para combater as narrativas predominantes ou falsas que circulam nas redes sociais. Resgatando a reflexão de Nuno Boavista, precisamos ser criteriosos ao avaliar as informações geradas e difundidas na internet, para combatermos os discursos de ódio, a desinformação e as *fakes news*, tornando o espaço virtual mais democrático para todos.

Referências

A METAFORFOSE da subjetividade operária. **IHU Idéias:** Revista do Instituto Humanistas, 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/869-cesar-sanson-2>. Acesso em: 10 de mai. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal do Brasil. **Coronavírus Brasil**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

BURDICK, Anne; DRUCKER, Johanna; LUNENFELD, Peter; PRESNER, Todd; SCHNAPP, Jeffrey; JUNGK, Isabel. Um breve guia para as Humanidades Digitais. **TECCOGS:** Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, [S. l.], n. 21, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/51727>. Acesso em: 10 mai. 2026.

BOAVIDA, Nuno. “Temos de criar uma identidade menos baseada no trabalho”. [Entrevista cedida a Deonilde Lourenço e Ricardo Nabais]. **DECOPRO teste saber é poder**, Lisboa, jan.

2025. Disponível em: <https://www.deco.proteste.pt/dinheiro/emprego/entrevista/nuno-boavida-temos-criar-identidade-menos-baseada-trabalho>. Acesso em: 28 jul. 2025.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998.

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. **Inteliarte**. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Pesquisador principal: Nuno Boavida. Disponível em: <https://sites.fct.unl.pt/inteliart/node/16067>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PIVETTA, Marcos. Miguel Nicoleles: o homem das múltiplas conexões. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 116, p. 1-11, out. 2005. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-homem-das-multiplas-conexoes/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

LINS DE FREITAS, A. J. Por uma história oral descomplicada: algumas considerações iniciais. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 131-147, 2023. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/463>. Acesso em: 11 mai. 2026.

SAINT-DENIS, a fascinante história do Bispo que perdeu a cabeça e se tornou padroeiro da França. **Paris sempre Paris**, 2018. Disponível em: <https://parissempparis.com/saint-denis-a-fascinante-historia-do-bispo-que-perdeu-a-cabeca-e-se-tornou-padroeiro-da-franca/>. Acesso em: 28 jul. 2025

SANTHIAGO, Ricardo. História oral, inteligência artificial e valores: por uma metodologia atenta ao tempo da escuta e da pesquisa. **SciELO Preprints**. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/13210>. Acesso em: 11 mai. 2026.

SERRES, Michel. **A Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STANK, Elísio. **Futuro do trabalho**: há emprego para todos?. É ou Não É - O grande Debate (podcast), 2025. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p8071/e827704/e-ou-nao-e-o-grande-debate>. Acesso em: 28 jul. 2025.